

A Europa em decadencia

É de justiça reconhecer que o anno de 1926 herdou do seu antecessor uma politica internacional sensivelmente melhorada. Essa melhoria não attingiu talvez muito o amago da vida européa, não passando da fragil cuticula das formulas politicas e diplomaticas sobre a aspera lucta de interesses e egoismos, que caracteriza o mundo moderno e duma forma especial as relações internacionaes de após guerra.

Estamos sem duvida numa intercadencia de paz, que a extenuação geral ha-de fazer durar um tempo apreciavel, como aconteceu sempre após os grandes choques e desordenações, v. b., depois de 1815 e depois de 1872. Os conflictos armados, que aindam surgem aqui e além, são erupções parciaes a assignalar os pontos fracos da crosta politica do globo e a denunciar a perpetua effervescencia das ambições e egoismos humanos.

Depois de muitas e laboriosas confabulações diplomaticas, depois de muitas conferencias realizadas em toda a Europa — em Versailles, em Saint-Germain, em Neuilly, em Paris, em Londres, em Wiesbaden, em Bolonha, em S. Remo, em Genebra, em Spa, etc., — chegou-se por fim a uma formula, que dará ao Velho Mundo uma prolongada tranquillidade, não tanto pela efficacia da formula em si, como pela necessidade de se estabelecer um periodo de reconstrucção, em que se resolvam problemas graves e delicados e se arrume um pouco a desordenada casa européa.

Essa formula foi o tratado engenhado na pittoresca cidadezinha do Tessino, que dá pelo nome de Locarno. Alli, ante o espectáculo maravilhoso das montanhas suissas, nas margens bucolicas do Lago

Maior, é que os proceres da política europêa acharam atmosphera propicia á grata e proficua tarefa de estabelecer entre vencidos e vencedores uma leal amizade e bom entendimento.

Foram, propriamente oito os accordos que os representantes das nações europêas assignaram na cidade tessinesa, depois de negociações que decorreram na mais perfeita cordialidade, intervaladas por passeios de barca nas aguas ceruleas do lago ou por deambulações nos formosos valles suíços, onde o *ranz* das vaccas perpetuamente convida ao bem querer e ás doçuras da paz.

Esses accordos são os seguintes:

Tratado entre a França, a Allemanha, a Belgica, a Gran-Bretanha e a Italia;

Accordo entre a França e a Polonia;

Accordo entre a França e a Tcheco-Slovaquia;

Convenio de arbitragem entre a França e a Allemanha;

Convenio de arbitragem entre a Allemanha e a Belgica;

Convenio de arbitragem entre a Allemanha e a Polonia;

Convenio de arbitragem entre a Allemanha e a Tcheco-Slovaquia;

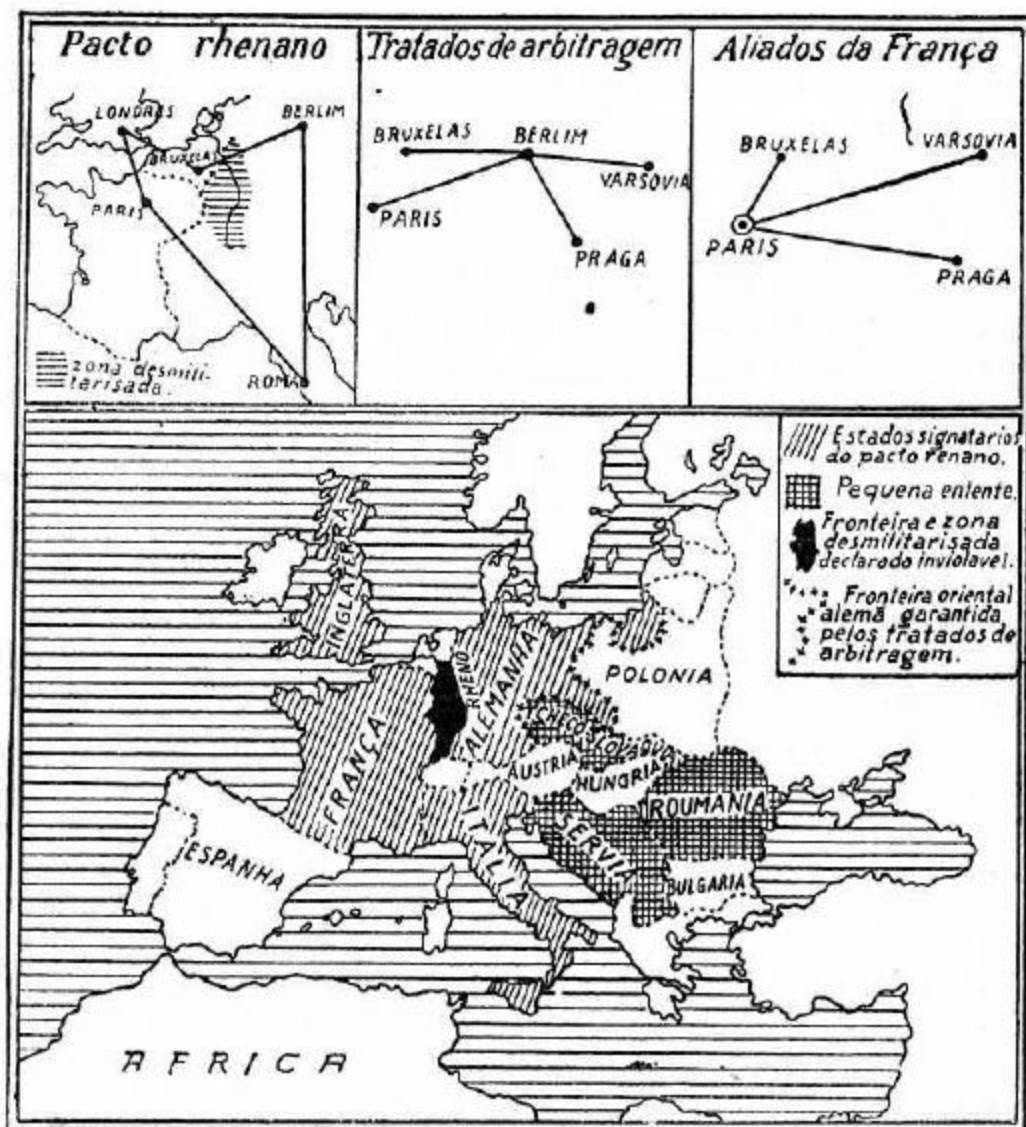
Um projecto de carta das delegações inglesa, francesa, belga e italiana á delegação allemã, sobre a interpretação do artigo 16.º do regulamento da Sociedade das Nações.

Estes convenios completam-se uns aos outros e constituem um systema unico, o systema da paz europêa, mais ou menos envasado nos moldes desde 1919 propostos pela Inglaterra e ao qual se oppunha a politica francesa do sr. Poincaré, fortemente realista e continental, fiando mais da defeza das fronteiras que das assignaturas dos tratados. O sr. Poincaré, porém, cahiu e succederam-se gentes mais amoldaveis e mais contemporisadoras com a politica insular da Gran-Bretanha — a quem convem a paz e harmonia na Europa continental, para que o commercio, a industria e as artes se desenvolvam e prosperem... e para que todas as nações da terra firme se mantenham numa posição igual e equanime, sem despiques de supremacias!

* * *

O mais importante dos accordos de Locarno é aquelle que se ficou chamando o *pacto rhenano* e cuja extensão e funcção geo-

graphica e politica poderá ser apprehendida pelo mappa inserto nestas paginas.



Firmam-no as altas potencias contractantes — Inglaterra, França, Belgica, Italia, e Allemanha—que se garentem reciprocamente contra qualquer infracção do actual *statu quo* territorial e da zona desmilitarisada da margem direita do Rhono, onde a Allemanha, embora senhora do solo, não poderá ter mais que forças de policia,

segundo expressamente estipulam os artigos 42 e 43 do Tratado de Versailles.

Importa resumir o texto do *pacto rhenano*, que é hoje o fiador da paz européa.

O artigo primeiro garante, individual e collectivamente, as fronteiras actuaes das nações contractantes.

No artigo segundo estipula-se que a Allemanha, a França e a Belgica não realizarão nenhum ataque ou invasão nem, em caso algum, recorrerão á guerra, salvas as excepções seguintes: o exercício da legítima defeza, contra a violação do disposto neste artigo ou contra a infracção dos artigos 42 e 43 do Tratado de Versailles; uma acção motivada pela observancia do estatuto da Sociedade das Nações ou por uma resolução da assembléa ou do conselho da mesma Sociedade.

No artigo terceiro estabelece-se que a Allemanha, a França e a Belgica, nas suas questões recorrerão sempre á arbitragem e nunca á força.

Pelo artigo quarto, as partes contratantes compromettem-se a apresentar ao Conselho da S. das N. qualquer infracção a este pacto ou ao Tratado de Versailles; e todas as potencias se obrigam a ajudar immediatamente a nação ameaçada e em caso de infracção flagrante, a iniciar uma acção immediata, sem esperar, se fôr necessario, a decisão do Conselho do S. das N.

O artigo quinto estabelece, duma forma concreta, a garantia da Inglaterra e da Italia, nações sem interesse directo no pacto.

Os artigos sexto e sétimo reservam os direitos e obrigações do Tratado de Versailles e da Sociedade das Nações.

O artigo oitavo determina a vigencia do pacto até que a S. das N. possa por si garantir a segurança das partes contractantes.

O artigo nono exclue dos deveres do pacto os Dominios ingleses e a India, salvo se expressamente quizerem subscreve-lo.

Além deste tratado, foram assinados em Locarno, mas fora da conferencia, os accordos franco-polaco e franco-theco-slovaquio, meros tratados de mutua defeza e assistencia, no caso das infracções aos accordos de Locarno não serem seguidas de valida e immediata sancção da Sociedade das Nações, o que, diga-se de passagem, demonstra mediocre confiança na obra engenhada com tanto cuidado entre os visos nevados dos Alpes Lepontianos...

Esta é, por alto, a formula da paz europêa. Será duradouramente efficaz? Tudo depende do grau de boa-fé com que fôr observada. É de crêr, porém, que o seja, pelo menos por um largo periodo, vista a necessidade de reconstruir, que é para a Europa uma questão vital. É certo que o previo exame das razões dos litigantes daria fartas ensanchas para que o mais forte fizesse prevalecer o direito dos canhões, que são sempre a *ultima ratio regum*. É certo que na Allemanha — onde, apesar dos clamores nacionalistas, a media do bom-senso nacional acceitou o tratado como o melhor que se pôde arranjar — o sr. Stegerwald, chefe da ala direita do Centro e ex-presidente do governo prussiano, disse estas palavras: — *O tratado é justo para um futuro proximo, mas ninguem pode dizer quaes serão as suas consequencias num futuro remoto*; e que o Dr. Schacht, presidente do *Reichsbank*, disse tambem em *Stuttgart*, ante um publico nacionalista: — *Se nos decidimos a favor de Locarno, foi porque o pacto não é mais que um estadio no caminho que conduz á abolição dos preconceitos politicos*. É certo que a Inglaterra, por vias mais ou menos officiosas, tem manifestado a sua intenção de permanecer superior e um pouco á parte de todos os litigios, feita arbitro das desavenças continentaes. E' certo ainda que, havendo ficado assente em Genebra e Locarno que estava cerrado o cyclo das allianças particulares, agora mesmo, no momento em que estas linhas escrevo, o telegrapho communica ao orbe a noticia duma conierencia realisada em Rapallo entre os srs. Mussolini, e Austen Chamberlain, para estabelecerem, segundo é fama, as bases duma alliança anglo-italiana, certamente como recurso suplementar para assegurar a paz universal...

Tudo isso e as demais questões que venham a surgir, por muito qui-silentas que sejam, não impedirão que as grandes nações mantenham uma paz duravel, sob a egide da Inglaterra e em beneficio da Allemanha, cuja prosperidade economica se vae restaurando rapidamente.

Esta é a situação que 1926 herdou do anno antecessor e que permittirá á Europa remediar, na medida do possivel, muitas ruinas e muitos desvarios accumulados.

* * *

Era tempo que isto se fizesse porque a Europa está em decidida decadencia, mercê de factores muito diversos, mas principal-

mente das suas dissensões e desatinos. A guerra trouxe ao continente-mater da raça branca numerosos combatentes das raças inferiores. Elles aprenderam assim, juntamente com os costumes europeus, estas coisas simples: o manejo da metralhadora e a applicação dos direitos do homem. Reconduzidos aos seus paizes, esses negros, esses amarelllos, esses hindus disseram aos compatriotas a grande nova: que se haviam batido pelo principio das nacionalidades e que esse principio entrara em applicação immediata no continente europeu.

E logo surgiu por todo o mundo asiatico e africano uma exagitada effervescencia nacionalista. De ahi a rebeldia recrudesida dos aduares marroquinos; de ahi a agitação independentista do Egypto; de ahi a ansia fremente do nacionalismo hindustanico; de ahi a xenophobía de todos os partidos que se entre-chacinam no antigo Imperio chinês; de ahi a constituição do nacionalismo turco nas asperas montanhas da Anatolia; de ahi o facto de um paiz como o Sião ter, em pé de paz, um exercito de dez divisões de 5.000 homens cada uma e 200 aviões, podendo levantar 500.000 soldados instruidos e equipar 300.000.

Etc., etc., etc.

Pois se aos povos assiste o direito de dispor dos seus destinos, ao contrario do que acontecia no seculo XIX, em que os povos inferiores e fracos tinham que resignar-se ao dominio ou supremacia dos mais fortes!

Por essa Asia immensa vae uma agitação perigosa, fomentada pelos agentes moscovitas, que procuram levantar contra a Europa as massas compactas do gentio, que formou o nucleo das hordas de Gengís-Kan e Tamerlão. A Russia esteve muito tempo hesitante entre a civilização occidental, para onde a quiz arrastar o genio brutal de Pedro, o Grande, e a civilização oriental, a civilização de origem, a que a mantinham aligada os laços psychologicos, ethnicos e historicos, que a obra dos czares não destruiu e só apparentemente atenuara.

E se não está decididamente á frente da Asia —da Eurasia, como dizem os russos, querendo precisar nesta significativa expressão, a sua posição intermedia aos dois continentes— é porque a fé christã do *mujick*, sincera e fervorosamente orthodoxo, mantem uma poderosa ligação á civilização do Occidente.

O regimen político e social, de base communitaria, da Russia actual, é já essencialmente asiatico. A maioria dos intellectuaes russos sentem expressa ou instinctivamente a theoria exposta pelo exaltado panslavista Danilevsky no seu livro *Russia e Europa*. Segundo elle, a Russia, ao propender para a civilisação e costumes occidentaes, commetteu um erro, de que urge redimir-se. A Europa está putrefacta. O catholicismo e o protestantismo desnaturaram o christianismo, cuja essencia e pureza foram salvas pela orthodoxia. O slavo, na phrase expressiva de Renan, é o dragão apocalyptico, cuja cauda varre a terça parte das estrellas. A missão da Russia é, pois, levantar de novo as populações da Asia Central e mudar o rumo e a intenção á civilisação universal.

Não se pense que tudo isto são divagações de ideologos. No congresso dos povos orientaes, reunido em Bakú, em 1920, sob o patrocínio da Russia bolchevista, foi com solemnes palavras declarada a guerra ao imperialismo e ao militarismo europeus. E a China, o Afghanistan e a Persia são já a base de operações dos que, sob a signa vermelha, emprehenderão a lucta contra o europeu, a começar na Indo-China, na India e na Arabia.

Na Africa não parece o perigo tão avultante e sobretudo tão immediato. Todavia factos de inegavel gravidade demonstram que o labaro do negro da Jamaica, Marc Garvey — *a Africa para os africanos* — ganha terreno duma forma impressionante. E se o negro prolifico não tem a esporea-lo o acicate bolchevista, tem o Islam, religião guerreira e sensual, a concita-lo contra a oppressão europêa. Todo o Sudão, habitado por cincoenta milhões de negros, é hoje islamita. O arabe será o guia do negro como o russo será o propulsor do amarello e do hindu. O perigo africano não se desenha ainda senão ao norte, onde Abd-el-Krim procura fundar a Republica do Riff, nucleo possivel dum grande imperio marroquino e berberesco, e onde Zaglul Pachá agita o nacionalismo egypcio, clamando-lhe que a sua historia é muitas vezes millenaria e que os annos não contam na vida das nações que teem seiva e vontade de viver.

Por intermedio do Sudão, porém, a idea expressa no lemma do successor de Booker Washington — *a Africa para os africanos* — irá fazendo caminho para o Sul, onde tribus activas, intelligentes e extraordinariamente prolificas — os Zulús, os Herreros, os Cafres,

os Bochmanes, os Cuamatos, os Tongas—vão ganhando consciencia da sua força e de que o branco não é tão invencível, como parecia antes de virem á Europa aprender de sciencia certa como se mata e como se morre.

* * *

Bom será, pois, que a Europa arrume a sua casa e reafirme a sua supremacia á frente do concerto das gentes humanas. E não lhe falta que arrumar, em boa verdade.

Afóra os casos de Marrocos e de Mossul, que as informações das chancellarias dizem em bom caminho de solução, importa que se resolva um caso melindroso e grave, qual é o das dividas de guerra. Os Estados Unidos são credores da velha Europa por quantias avultadissimas, que ameaçam levar as nações á insolvencia. E tão ciosa e insistentemente persiste a grande nação americana na effectivação dos seus creditos, que poderia parecer que, só para conquistar tão preponderante situação ante o continente de onde sahiram os descobridores, colonisadores e civilisadores da America, entraram naquelle prelio ingente, que ensanguentou a Europa e no qual todos os alliados tomaram parte para defeza do Direito, da Liberdade, da Justiça e de outras coisas nobres e grandes, que então era uso escrever com pomposas versaes.

As boas contas fazem os bons amigos e a Inglaterra mandou a Washington uma resoluta missão, presidida pelo sr. Stanley Baldwin, actual chefe do partido conservador e presidente do governo, a qual resolveu expeditamente o assumpto, como convém a um povo, que vê o mundo dum modo sensatamente commercialista e utilitario.

Esta decisão da Inglaterra abriu um precedente, que a América começou a desejar que fosse tomado como paradigma pelos outros devedores e principalmente pela França, cuja divida ascende nesta data e accumulada dos juros vencidos, a 4.200.000.000 de dollars.

Instada de Londres e de Washington, a França, cuja vida financeira é attribulada, foi protelando a questão, até que o sr. Caillaux, assumindo a gerencia das finanças francesas, quiz assignalar a passagem pelo governo com um exito de estrondo, que fizesse esquecer certas quisilias occorridas durante a guerra, por via dum tal Daudet...

Começou o ministro radical pela Inglaterra —porque os credo-

res de ao pé da porta são sempre mais importunos— e regulamentou o debito francês com relativa facilidade e felicidade. Animado pelo exito obtido, foi aonde o credor americano; ali, porém, foram-lhe os fados tão adversos que volveu á Europa sem nada conseguir,

Dias depois a missão italiana, chefiada pelo conde de Volpi, obtinha o exito, que os jornaes assignalaram, regulamentando em vantajosas condições a divida italiana aos Estados-Unidos. A Italia pagará apenas a quarta parte da sua divida, ao passo que a Inglaterra pagará trez quartas partes, a Belgica quarenta e cinco por cento, e a França, se a missão Caillaux houvesse accetado as condições reclamadas pelos negociadores americanos, na phase final das negociações, ficaria pagando sessenta por cento.

Segundo dizem os periodicos, a França vae mandar nova missão á America do Norte, para tentar a regularisação da sua divida de guerra, feito o que, (não ha que contar com a Russia, porque os Soviets não reconhecem a divida do Imperio), ficará posta nos devidos termos a situação da Europa devedora ante a America, sua amistosa credora... E durante algumas dezenas de annos —cincoenta a setenta— as nações européas pagarão o preço da participação americana na Grande Guerra, preço que foi de amigos, segundo dizem os homens de Além-Atlantico —gente pratica e sensata, que defendeu o Direito, a Liberdade, a Justiça e outras maiusculas... e que fez simultaneamente o seu negocio, porque não se pode perder tempo...

* * *

A situação politica dos diversos estados europeus resente-se do excepcional periodo de transição historica em que vamos levados. As formulas politicas liberaes, que durante um seculo regeram a marcha da civilisação, padecem dum descredito de que não se restabelecerão facilmente. Além disso a dissolução social causada pelo abalo guerreiro, que fez estremecer o velho edificio da civilisação e levantou uma densa poeira de duvidas e confusões, tornou necessaria uma acção inexoravel de governo. Por isso muitos paizes recorreram á dictadura aberta ou attenuada e ainda hoje a Russia, a Italia e a Hespanha são governadas dictatorialmente.

O regimen parlamentar soffreu ataques formidaveis dos theoris-

tas da doutrina reaccionaria e dos acontecimentos, que muitas vezes teem dado uma força ineluctavel aos principios anti-parlamentares.

Esta situação é tão vigorosamente pronunciada que *Le Temps*, o sino grande da ideologia parlamentar e da orthodoxia democratica, inseria ha pouco um singular artigo em que era salientada, num raptó de inesperada sinceridade, a incompetencia do povo para exercer conscientemente e sensatamente o suffragio, dentro da carpinteiragem politica das nações modernas.

«Este systema (o suffragio popular) funcceionou menos mal emquanto os politiqueros se não substituíram aos politicos. Progressivamente, porém, os primeiros foram-se sobrepondo aos segundos e nenhuma promessa fallaciosa se poupou para fazer do povo, candido e leal, a victima da mais prodigiosa burla eleitoral de que reza a historia e de que elle começa, emfim, a dar-se conta. De ahí o seu desinteresse quasi completo pelos factos e gestos dos que apezar disso são os seus mandatarios.»

E o orgão da democracia preconisa a intervenção duma *élite*, recrutada na producção e na acção, afim de restituir á funcção parlamentar um pouco do prestigio que perdeu. Isso renovaria a confiança popular no systema eleitoral, pois que o bom-senso do povo não deixaria de *«sobrepor a competencia technica e a responsabilidade dos technicos á incompetencia e á irresponsabilidade dos parlamentos.»*

Entende o grande jornal republicano que não é facil abolir o systema eleitoral, porque todos os franceses são extremamente ciosos do seu direito de voto, mas assevera que seria insensatez procurar tolher caminho a *«este movimento dos espiritos, que é muito poderoso nas provincias»* e impedir *«uma evolução que os tempos novos tornam necessaria»*.

Mais vale —aconselha sisudamente o periodico da burguesia liberal e democratica— *«para evitar uma revolução ou uma reacção, tentar os bons meios de combinar com o suffragio eleitoral, o accesso aos conselhos do Estado dos representantes auctorisados da producção sob todas as suas formas, das grandes forças sociaes organisadas, trazendo assim á omnipotencia desorga-*

nisada do parlamento o contrapezo do saber, da experiencia e da competencia».

Sat biberunt prata!

Ponho ponto na transcrição. Ella não podia vir mais a propósito para demonstrar como, nesta Europa inquieta e balburdiada pelos factos e pelas ideas, se reconhece em todas as espheras e partidos a necessidade vital do Mando, da Auctoridade, da Competencia — da Ordem, emfim.

CORREIA MARQUES